

# PRESENÇA PALEO-CRISTÃ EM TOMAR

*Salete da Ponte*

## AMBIENTE HISTÓRICO

A morte do Império Romano anunciada pelas invasões germânicas na Península durante os sécs. IV-V d.C., provocou, no quotidiano das populações indígenas, alterações de comportamento e de relacionamento social, económico, religioso, político e cultural.

O clima de instabilidade e de insegurança do comum cidadão romano provoca o declínio e o despovoamento de centros urbanos. Sellium, uma das *civitates* do Convento Escalabitano, conhece a mesma sorte de tantas outras cidades da Lusitânia Romana –destruição e morte do núcleo urbano.

Assiste-se, então, a um período conturbado por lutas de natureza bélica durante século e meio entre os dois reinos rivais: o Suevo e o Visigodo.

O território entre Coimbra e Santarém e, muito provavelmente as antigas *civitates* bem posicionadas entre o Mondego e o Tejo, como Sellium, eram atacadas e dominadas ora pelo exército suevo, ora pelo visigodo.

As fontes históricas<sup>1</sup> e os testemunhos decora-

---

1. BARREIRA, FR. I. DE, 1618, reed. 1939. *História da vida e martyrio da gloriosa. Virgem Santa Eria, Portuguesa nossa...*, Lisboa; Cf. Inquirição de D. Dinis de 1317, A. N. T. T., Gaveta XV, maço 3, n.º 15; Cf. CARDOSO, J., 1657. *Apiologio Lusitano*, t. II, Lisboa, p. 68; Cf. SANTA MARIA, FR. A. DE, LISBOA 1711. *Santuário Mariano*, t. III, p.461; Cf. SANTIAGO, FR. FRANCISCO, 1762. *Chronica de Santa Provincia de N. Senhora da Soledade*, part. I, livro X, Cap. I, Lisboa, p. 828-829; Cf. GUIMARÃES, V., 1927. *Thomar. St.ª Iria*, Lisboa, pp. 150 e 181; Cf. DAVID, P., 1947. *L'Organisation ecclésiastique du royaume suève au temps de San Martin de Braga. Études historiques sur la Galice et Portugal du VIe au XIIe siècle*, Coimbra, pp. 19-44; Cf. *Liber Fidei Sanctae Bracaraensis Ecclesiae*, ed. crit. por Avelino de Jesus da Costa, t. I, Braga, 1965, doc.ºs 10 e 11; Cf. S. TOMÁS, F. L DE, 1974. *Beneditina Lusitana*, ed. por José Mattoso, Vol. I, Lisboa, p. 477.

tivos<sup>2</sup> são demasiadamente frágeis e ténues para podermos reconstituir a história destes dois povos e a influência que exerceram na região tomarense. É crível que a influência suévica nesta região tenha sido meramente casuística, ao contrário da congénere visigótica. A referência do topónimo Sélío no «Paroquial Suevo»<sup>3</sup> e os materiais arqueológicos aqui ilustrados atestam a presença e crescimento da comunidade romano-visigótica em Tomar, durante os sécs. VI-VII d.C. Para tal, concorreu, a unificação política (585) e religiosa (589) da Península, levada a efeito pelo rei visigodo Leovigildo, trazendo a esta região a tranquilidade necessária para a construção e desenvolvimento de uma unidade regional ampla e coerente, expressa pelos testemunhos artísticos conhecidos.

## TESTEMUNHOS PALEO-CRISTÃOS

As peças ilustradas (Figs. n.ºs. 1-10 ) inserem-se no período histórico das invasões bárbaras, ou seja, entre os sécs. V e VIII. Todas elas provêm de achados avulsos, desprovidas de qualquer contexto arqueológico seguro. Resta-nos tão somente, analisar e perceber a gramática estilística e iconográfica que estes testemunhos materiais revelam.

Consideramos que a linguagem figurativa des-

---

2. Cf. PONTE, S. DA, *et al.*, 1983. Tomar na Arte Antiga. *Boletim Cultural e Informativo da C.M.T.*, (n.º 5). Tomar, pp. 105-170; Cf. ROSA, S. AMORIM, 1965. *História de Tomar*, Vol. I, Tomar, pp. 25-31.

3. Cf. DAVID, P., *op. cit.*, p. 78. O topónimo *Selio* surge aplicado em 569 a uma das 7 igrejas de diocese conimbriense, estando esta subordinada a Metrópoli de Braga, sede do reino suevo.



Figura 1. Tapa de sepultura. Calcário. Dim: 675 x 425 x 80 mm. Inv. 87. Época visigótica (2ª metade do séc. vi). Placa rectangular gravada com um *cantharus*, donde saem ramos de oliveira, sobre os quais estão pousadas três pombas; outras duas estão pousadas aos pés e sobre a carena decorativa do *cantharus*. Provém do adro de Stª. Mª. do Olival. Encontra-se no Claustro da Lavagem do Convento de Cristo de Tomar.

tas peças se enquadra na chamada «arte paleo-cristã», porque ela reúne múltiplas correntes artísticas que aportaram ao nosso território, através dos povos bárbaros, sejam dos suevos ou visigodos. Digamos que, as peças de Tomar reflectem, pelos elementos decorativos gravados, os inúmeros modelos dispersos pelo país, e que são atribuídos ora à «arte visigótica», ora à arte «paleo-cristã».<sup>4</sup>

4. Cf. MACIEL, M. J., 1992. Vectores da arte paleocristã em Portugal nos contextos suévico e visigótico, *Corso di Culture Sull'Arte Ravennate e Bizantina (Ravenna, 6-12 Aprile 1992)*, Ravenna, (n.º 39), pp. 435-495; Cf. BARBOSA, P. G., 1983. Arte e Cultura do Império Romano à Fundação da Nacionalidade, *História de Portugal* (Publ. Alfa), vol. I, pp. 363-398; Cf. ALMEIDA, C. A. F., 1988. Arte Paleo-Cristã da Época das Invasões, *História de Arte em Portugal, II* (Publ. Alfa), Lisboa-Barcelona; Cf. HAUSCHILD, T., 1987. Arte Visogótica, *História de Arte, Portugal, I* (Pub. Alfa), Lisboa-Barcelona, pp. 149-169.

Estas diferenças de opinião, entre historiadores de arte, resultam, por um lado, dos visigodos terem sido os principais portadores de uma gramática estilística, proveniente do mundo mediterrâneo oriental, norte-africano, itálico e da Gália;<sup>5</sup> por outro lado, provêm do estudo de elementos decorativos achados ocasionalmente em vários sítios arqueológicos, ou existentes nas reservas museais, e que se enquadravam perfeitamente no «contexto visigótico». É assim que por extensão, vários historiadores convencionaram de «visigótico», não só os raros edifícios religiosos ainda existentes, mas também os referidos na documentação escrita na Idade Média.

Nestes últimos anos, porém, o estudo sistemático da arte dos períodos suévico e visigótico (séc.V-VIII), no nosso território concorreu para um

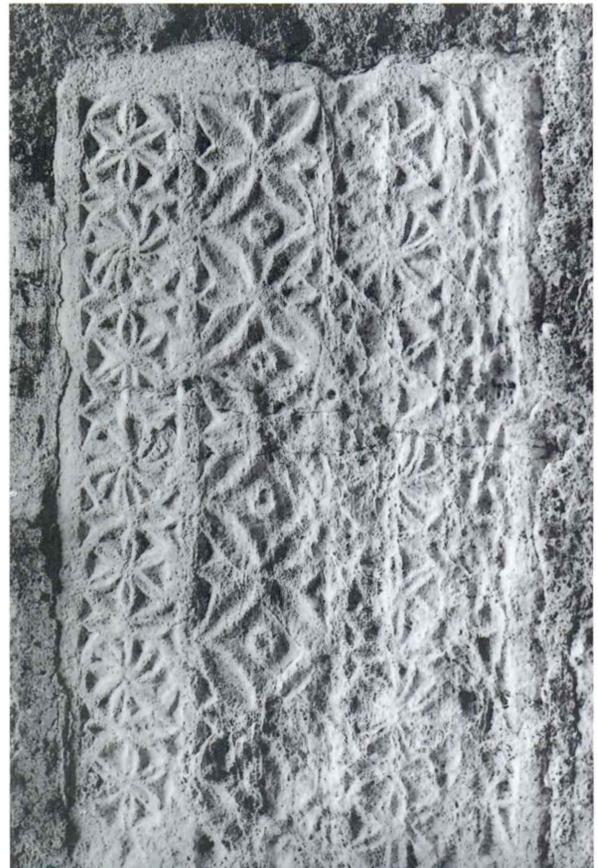


Figura 2. Placa de vedação. Calcário. Dim: 970 x 570 x 340 mm. Época visigótica. Séc. VII. Decoração com rosetas e círculos secantes em quatro faixas paralelas. Provém dos terrenos entre as igrejas de Stª. Iria e Stª. Mª. do Olival. Situa-se no ângulo Noroeste da Torre de Menagem do Convento de Cristo.

5. Cf. MACIEL, *op. cit.*, p. 437.

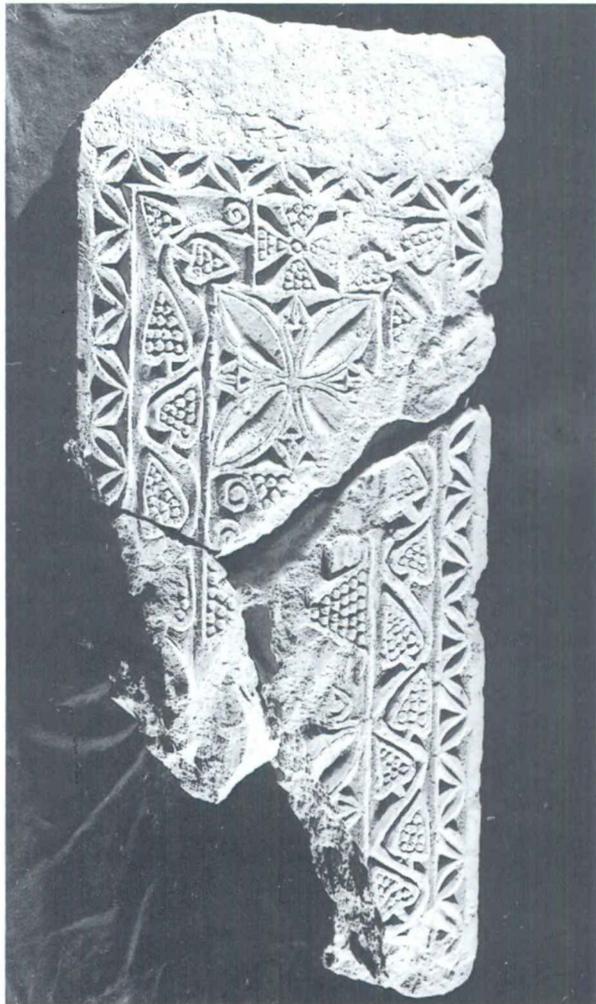


Figura 3. Id. Dim: 1.02 x 47 x 0.095 metros. Época visigótica. Séc. VII.

De forma rectangular é decorada com folhas estilizadas, cachos de uvas e gavinhas, com cruzes patadas, rosetas e quadrifólios. Provém da mesma zona que o nº. 2. Encontra-se no Claustro da Lavagem.

melhor conhecimento e ordenamento das correntes artísticas que moldavam, pela forma e conteúdo, os cânones romanos pré-existent. Digamos que a arte paleo-cristã, pelos estudos recentemente conhecidos<sup>6</sup> agrupa grosso-modo três fases distintas: a primeira (séc. III-IV), correspondente ao contexto romano-tardio, sob as influências dos povos invasores; a segunda (séc. IV-VI), ao contexto do período suevo, e, a última (último quartel do séc. VI-VII), referente ao período visigótico. Procuraremos, neste novo contexto, situar os elementos decorativos de Tomar.

6. Cf. Id. *ibidem.*, pp. 445-448; Cf. HAUSCHILD, T., *op. cit.*; Cf. ALMEIDA, C.A.F., *op. cit.*

### Pedras Lavradas

Há, após a destruição de Sellium Romana pelos bárbaros, um hiato na história de Tomar, até à Reconquista, ou seja, até à construção do Castelo Templário, em 1160. Poucas são as referências históricas acerca desta região, durante o domínio suevo-visigótico, ou seja, entre os sécs. V-VIII. O topónimo Sélio surge, pela primeira vez, referido em 569 no «Paroquial Suevo», para depois, nos finais do séc. VII, após a «Divisio Wambae» (672-680), passar a chamar-se «Nabam ou Navam».<sup>7</sup>



Figura 4. Id. Dim: 1.70 x 8.59 x 0.37 metros. Época Visigótica (meados ou fins do séc. VI-VIII (?)).

Placa rectangular decorada por dois frisos de arcadas ultrapassadas e concheadas, de ambos os lados maiores. Provém das imediações da igreja de St<sup>a</sup>. Maria do Olival: Encontra-se no Claustro da Lavagem.

7. A organização territorial por dioceses foi executada por Wamba, rei visigodo (672-680). *Selio* suevo-visigótica era paróquia da diocese Conimbricense, a qual era limitada a leste pela diocese Egitanense e a oeste pelo rio *Nava*, hoje Nabão; Cf. COSTA, A. J. de *op. cit.*, (Liber Fidei...), t. I, doc<sup>o</sup>. 9; Cf. DAVID, P., *op. cit.*, pp. 1-4; Cf. GUIMARÃES, V., *op. cit.*, p. 102.



Figura 5. Placa lavrada. Calcário. Época Visigótica. Séc. VII. Friso de um encordoado circular.

Achada nos terrenos entre as duas igrejas referidas no n.º 3. Situa-se no interior lado nascente do 1.º piso da Torre de Menagem.

A tranquilidade e a segurança das populações durante a monarquia visigótica favoreceu certamente o crescimento da comunidade romano-Visigótica de Sélvio.

É crível que neste período histórico, tenham sido edificados mosteiros e templos cristãos, em Tomar, segundo reza a tradição oral<sup>8</sup> e os registos de cronistas monásticos da época moderna.<sup>9</sup> Referimo-nos a 2 mosteiros fundados por S. Frutuoso, no ano de 640, nos terrenos do antigo

8. Cf. Inquirição de D. Dinis, de 1317 (jurado Pero Pombo), *Arq. Nac. T. T.*, Gaveta XV, maço 3, n.º 15; *Mestrados*, fl. 93V. (transcrito por V. GUIMARÃES, *op. cit.*, pp. 104-107). O jurado Pero Pombo refere Stª. Maria do Selho como sendo o mosteiro dos «monges negrados».

9. Cf. SANTIAGO, FR. FR., *op. cit.*, que data o mosteiro beneditino de Stª. Maria do Selho no ano de 640, fundado por S. Frutuoso; Cf. SANTA MARIA, FR. AGOSTINHO, *op. cit.*, t. I, p. 461, que atribui a fundação a S. Frutuoso, mas filia-os na Ordem Augustiniana; Cf. PURIFICAÇÃO, F.A. DA, *Chronica de Antiquissima Provincia de Portugal* (1642 que aponta como fundador Paulo Orósio, em meados do séc. V d.C.).

olival «Cerrada do João do Couto», na margem esquerda do Nabão, sobre as ruínas de Sellium Romana: um, de Frades Beneditinos, chamado de «monges negrados» ou de Stª. Maria do Selho, no local onde hoje existe a igreja de Stª. Maria do Olival; o outro, de Freiras Clarissas, onde hoje se situa Stª. Iria. A este mosteiro se liga a lenda do martírio de Stª. Iria, culto que se enraizou na população tomarense, e se propagou provavelmente na época moçárabe, para depois atingir um significativo desenvolvimento no tempo da Reconquista. O outro templo cristão, também da mesma época, fora construído entre aqueles dois conventos — a igreja de S. Pero Fins, onde hoje é o velho cemitério.<sup>10</sup>

Hoje, Tomar conserva, dos edifícios religiosos, várias pedras lavradas, umas encontradas nos terrenos entre Stª. Maria do Olival e Stª. Iria e, outras aproveitadas para a construção da Torre de Menagem do Castelo Templário.<sup>11</sup>

Estes testemunhos materiais documentam o predomínio de uma comunidade romano-visigótica cristianizada, sem anular o estigma estilístico e iconográfico da arte Sueva.

Analisemos, então, cada uma das peças ilustradas. A peça n.º 1 serviu como tampa de um sarcófago ou de uma caixa de sepultura em dois períodos diferentes: A face anterior é gravada com um *cantharus* cristianizado, donde sai um ramo de oliveira elaborado, encimado por três pombas; outras duas, estão pousadas aos pés e sobre a carena decorativa do *cantharus*. E o ramo de oliveira associado ao *cantharus* e à figuração da pomba, simbolizam a sacralização do espaço. Presumimos que esta peça não deverá ser anterior à 2ª metade do séc. VI.

A face posterior tem uma inscrição funerária cursiva, bastante gasta. Esta pedra foi recolhida no adro de Stª. Maria do Olival.<sup>12</sup>

As peças esculpidas n.ºs. 2-4 são placas de vedação que apresentam uma diversidade de temas geometrizes e vegetativos, combinando os serpenteantes ramos de videira entre cachos de uvas e gavinhas, com as cruces patadas, rosetas e quadrifólios, ou, então, frisos de arcadas ultrapassados e concheados.

10. Cf. Tombo da Igreja de Stª. Maria do Olival, *Arq. Nac. T.T.*

11. Cf. PONTE, S. DA, *op. cit.*, p. 109, Fots. 12 a 16.

12. Esta estela encontra-se no Claustro da Lavagem do Convento de Cristo de Tomar. Tem o n.º. 87 de cadastro da U.A.M.O.C.

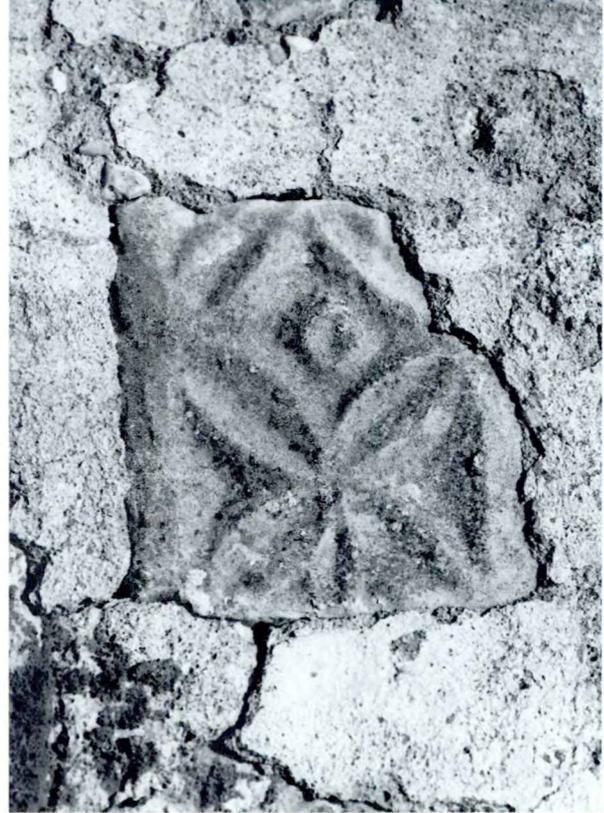


Figura 6-7. Id. Época Visigótica. Séc. VII.  
Estilização de palmetas.

Achadas no mesmo local que a peça anterior. Situa-se no interior, lado norte, 2º. piso da Torre de Menagem.

As duas últimas, à exceção da n.º 2,<sup>13</sup> encontram-se no Claustro da Lavagem e foram também achadas nas imediações de St<sup>a</sup>. Maria do Olival. A temática das duas primeiras peças obedece aos cânones clássicos e aúlicos largamente difundidos pelos escultores visigóticos. Sugerimos para estes dois exemplares o séc. VII. O motivo geométrico da peça n.º 4 sugere os tecidos sassânidos<sup>14</sup> do séc. VI, o que nos induz a propor uma data mais tardia provavelmente os meados ou finais do séc. VII-VIII (?).

Os n.ºs. 5 a 7 são frisos arquitectónicos decoradas com folhagem geometrizada e estilizada tão ao gosto da estética visigótica, propondo para estes exemplares o séc. VII.<sup>15</sup>

A placa decorativa n.º 8 apresenta uma decoração geométrica, que pelas reduzidas dimensões julga-

mos ter pertencido a uma mesa de altar. Para ela propomos o séc. VII.<sup>16</sup>

Todas estas placas, à exceção do exemplar n.º 1, deveriam ter pertencido a edifícios religiosos construídos na época visigótica.

A placa n.º 9 representa a figura estilizada de um boi que teria pertencido a um dos edifícios antigos, onde hoje se situa o Convento de St<sup>a</sup>. Iria. Esta placa encontra-se no cunhal da parede daquele edifício, por debaixo do nicho da Santa.<sup>17</sup> Esta placa patenteia o arcaísmo do relevo figurativo, o que nos dificulta precisá-lo na época das invasões.

A última peça (n.º 10) é um frontão figurativo que, pelo desenho esquemático e fruste das figuras animais, lembra a temática visigótica, com laivos estilísticos da arte mediterrânica.

O recorte e a volumetria estilizados da flor de liz, bem como a finura do seu talhe, fazem aproximar este baixo relevo da arte visigótica-moçá-

13. Esta placa encontra-se no ângulo Noroeste da Torre de Menagem. Provém dos terrenos entre as igrejas de St<sup>a</sup>. Iria e St<sup>a</sup>. Maria do Olival.

14. Cf. ALMEIDA, C.A. F. de, *op.cit.*, pp. 58 e 60.

15. Cf. PONTE, S. DA, *et alli*, *op.cit.*, pp. 111, 129-130, Fots. 13-14.

16. Cf. Id. *ibidem*, pp. 111, 131, Fot. 15.

17. Cf. ROSA, A., *op.cit.*, p. 19.

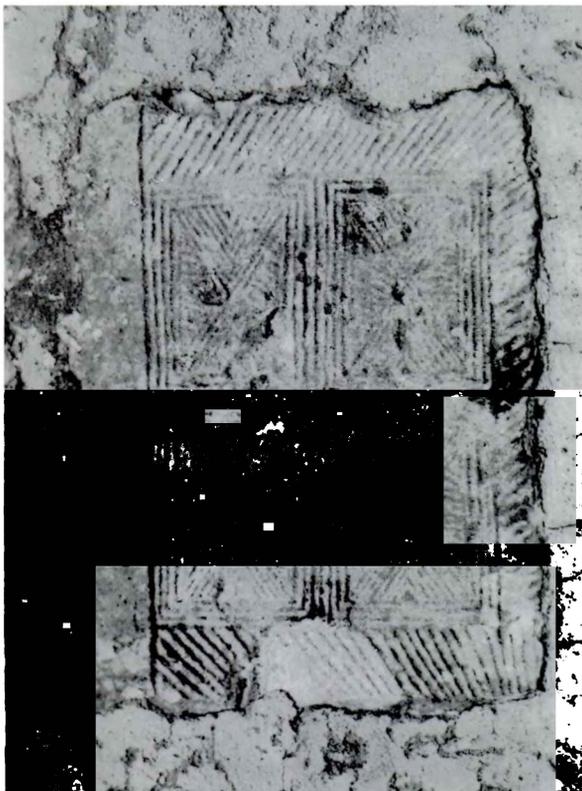


Figura 8. Mesa de altar. Calcário. Dim: 0.40 x 0.35 metros. Época visigótica. Séc. VII. Decoração geométrica com o cruzamento de segmentos de recta, formando triângulos e rectângulos. Provem do mesmo local das peças n.ºs 2-3 e 5. Situa-se no lado poente da Torre de Menagem.

be.<sup>18</sup> Assim, julgamos que esta peça poderá ter pertencido a um edifício religioso do séc. VIII.



Figura 10. Frontão figurativo. Calcário. Dim: 1.32 x 0.64 metros. Época visigótica-moçárabe (?).

Baixo relevo representando 2 animais afrontados, um deles ostentando, na boca, vestígios de uma presa. Ambos ladeiam a estilização de uma flor de lis. Encontra-se embebido na frontaria, do lado norte, da igreja de S. João Baptista.

18. Cf. *Imagens de Tomar: Tomar, 1.ª ed., 1990* (coordenação de Carlos Veloso e Salette da Ponte), p. 23.

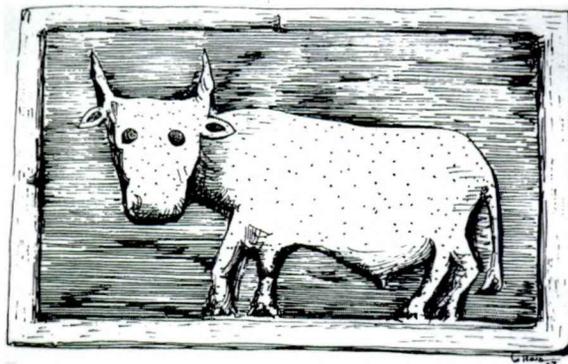


Figura 9. Placa figurativa. Calcário. Época Visigótica. Época post-romana/pré-românica (?).

Placa rectangular gravada com a figura de um boi, de perfil, virado à esquerda, e com a cabeça de frente.

Encontra-se no cunhal da parede do Convento de St.ª Iria, por debaixo do nicho daquela santa.

Referiremos ainda os motivos animais que decoram as pedras visigóticas de Lisboa,<sup>19</sup> e que sugerem, pela sua peculiaridade estilística, influência de artistas de proveniência mediterrânica.

Em suma, os testemunhos paleo-cristãos conhecidos e encontrados em Tomar, atestam a existência de edifícios religiosos na época visigótica.

Por outro lado, os recentes achados arqueológicos<sup>20</sup> e as poucas fontes históricas conhecidas atestam que o terreno entre St.ª Iria e St.ª Maria do Olival foi, entre os sécs. V-VIII recinto sagrado, onde se ergueram vários edifícios religiosos que zelavam pelo descanso eterno dos mortos.

19. Cf. ALMEIDA, C.A.F., *op. cit.*, pp. 58-60.

20. Cf. PONTE, S., in jornal «*Cidade de Tomar*», de 18-9-92, Cemitério de St.ª Maria do Oival, p. 17.